



PERCEPÇÕES DO EROTISMO E DA SEXUALIDADE KAMBEBA: ENTRE A INFLUÊNCIA OCIDENTAL E OS SABERES TRADICIONAIS

Perceptions of sexuality and eroticism kambeba:
influence between the western and traditional
knowledge

Dalva Suely Moraes Mota¹
Regina Célia Moraes Vieira²
Núbia do Socorro Pinto Breves³
Roberto Sanches Mubarak Sobrinho⁴

Resumo: O presente artigo tem por finalidade promover uma reflexão sobre como os Omágua/kambeba da comunidade de Três Unidos, no baixo Rio Negro, concebem e vivenciam sua sexualidade. Esta reflexão se insere na problemática da influência da cultura ocidental sobre os ritos amorosos e costumes sexuais dos indígenas, praticados ou não, em decorrência do contato prolongado com o não índio. Dentro de uma abordagem histórico-cultural e embasada na teoria do construcionismo social, descreve-se o intercuro sexual dos indígenas com os colonizadores, evidenciando as consequências do processo civilizatório, para fazer um paralelo com a sexualidade kambeba e suas formas de manifestação atual. Trata-se, portanto, de uma pesquisa de abordagem qualitativa, no qual a metodologia utilizada foi do tipo exploratória, com traços etnometodológicos, por se centrar em uma característica específica de uma determinada etnia e suas tradições, utilizando como técnicas de coleta a observação direta, as entrevistas abertas e semiestruturadas. O artigo apresenta as perspectivas do estudo da sexualidade baseado na experiência ativa em que a educação sexual deve estar voltada para as dimensões afetivas da vida, sob a ótica de autores clássicos como Bataille, Freud, Reich, e Foucault entrelaçando-se com as contribuições etnográficas de Levi Strauss e outros, propondo uma compreensão mais abrangente das questões sexuais, em relações interétnicas, evidenciando algumas análises parciais, cujo resultado final estará sistematizado em uma dissertação de mestrado.

Palavras-Chave: Sexualidade, erotismo, saberes indígenas e relações interétnicas.

Abstract: This article aims to promote a reflection about how the Indian tribes, Omágua/Kambeba, of Três Unidos Community, in the lower Negro river, design and experience their sexuality. This reflection is part of the problem of the influence of western culture on the rites loving and sexual mores of the natives, practiced or not, as a result of prolonged contact with non-Indians. Within a cultural-historical approach and based on the theory of social

¹Graduada em Ciências Biológicas – UFAM; Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia – UEA. dalvitanet@hotmail.com

²Mestra em Ensino de Ciências em Educação na Amazônia-UEA e Doutoranda em Ciências Sociais na Universidade do Minho - Portugal. regnet101@yahoo.com.br

³Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia pela Universidade Estadual do Amazonas – UEA. nubiaspbreves@hotmail.com

⁴Professor Adjunto da Universidade do Estado do Amazonas-UEA e do Mestrado em Educação em Ciências na Amazônia. Doutor em Educação com aprofundamento de estudos em Sociologia da Infância. rmubarak@hotmail.com

constructionism , describes the sexual intercourse of the natives with the colonizers , showing the consequences of the civilizing process, to make a parallel with Kambeba sexuality and its manifestations today. It is, therefore, a qualitative approach in which the methodology is exploratory, with ethnomethodological traits, as it focuses on a specific feature of a particular ethnicity and traditions, using techniques such as direct observation collection, open and semi-structured interviews. The article presents the perspectives of the study of sexuality based on active experience in which sex education should be focused on the affective dimensions of life, from the perspective of classical authors as Bataille, Freud, Reich, Foucault and intertwining with contributions ethnographic Levi Strauss and others suggesting a more comprehensive understanding of sexual issues in interethnic relations, showing some partial analyzes the outcome of which is systematized in an upcoming dissertation.

Key-Word: Sexuality, eroticism, indigenous knowledge and interethnic relationship.

Introdução

Este artigo faz parte da dissertação de mestrado em Educação em Ciências na Amazônia, que tem como objeto de pesquisa um estudo sobre a sexualidade indígena, considerada pelos donos do poder como modelo “periférico” de matriz sexual, por não aceitar seus traços de pluralidade cultural, uma vez que, historicamente, o traço definidor da sexualidade ocidental foi o modelo hegemônico judaico-cristão imposto aos ameríndios desde o início da colonização e ainda muito presente nos dias atuais. Neste sentido, o objetivo é refletir sobre como os kambeba do baixo Rio Negro concebem sua sexualidade, convivendo em uma comunidade que absorve a cultura ocidental, observando se ainda conservam os hábitos e costumes oriundos da cultura de seus antepassados e de que forma a cultura tradicional tem interferido na sua identidade, com possibilidade ou não, da influência erótica ocidental na vida sexual dessa etnia.

Na sequência, abordaremos as concepções de sexualidade e erotismo numa perspectiva histórico-cultural, descrevendo as matrizes sexuais e estabelecendo um paralelo com a sexualidade e o erotismo nas culturas indígenas, concluindo com as percepções de sexualidade da etnia Kambeba da comunidade Três Unidos, observadas em nossa pesquisa de campo. O estudo em questão tem aportes qualitativos por privilegiar, essencialmente, a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação, utilizando a metodologia do tipo exploratória com traços etnometodológicos. A coleta de dados foi obtida por meio de entrevistas, observação direta e análise documental.

As estratégias de saber e poder sobre o sexo e sua inferência na sociedade é uma preocupação elencada por Michael Foucault, refletindo o papel de destaque que se tem atribuído à sexualidade, desde os primeiros séculos da Era Moderna, enfatizando a necessidade de compreendê-la como um fator preponderante no processo de construção social. Georges Bataille trata sobre o gozo e erotismo, enquanto Sigmund Freud, por trazer os aspectos ligados à sexualidade e comportamento a partir da análise do aparelho psíquico, e também por ter uma forte influência nas concepções atuais de sexualidade entre educadores, estabelece diálogos com outros autores(as) contemporâneos que discutem concepções de sexualidade baseado na premissa de que vão além das perspectivas biológicas, podendo variar de acordo com a sociedade, a história e os grupos sociais.

A esse respeito, é importante frisar que, de forma alguma, estamos negando os conhecimentos anatômicos e morfofisiológicos imbricado nas noções de biologia, nem tão pouco biológico-higienista. Mas o fator puramente biológico, tomado reducionista, apresenta-se insuficiente para explicar nossas vivências sexuais, não conseguindo dar conta da amplitude de suas manifestações, historicamente constituídas.

Diante da constatação de que a educação em Ciências na Amazônia tornou-se uma necessidade social do século XXI devido ao ritmo desenfreado das mudanças sociais e do impacto gerado pelo extraordinário e vertiginoso progresso científico, entendemos que importantes e sérios desafios podem ser vislumbrados em relação ao analfabetismo científico, existente em grande parte dos estratos sociais, sendo fundamental um diálogo estreito entre a sociedade, a ciência e a tecnologia; e, para tanto, é necessário que se melhore a qualidade da educação em ciências em todos os níveis e espaços educacionais. Seguindo essa linha de análise, propomos novas possibilidades de interlocução, de troca de experiências e vivências com outras culturas, como contributo interdisciplinar para projetos interétnicos de educação em ensino de ciências na Amazônia.

Certamente que, para entendermos a sexualidade e o que a determina, requer um estudo profundo em diversas áreas do conhecimento, entretanto, queremos fazer algumas reflexões que possibilitem uma visão mais significativa dos comportamentos sexuais e de seus desdobramentos nas sociedades, utilizando o espaço escolar para que a pluralidade de compreensão, valores e crenças sobre a sexualidade possa se expressar. Não há como negar que vivemos num ambiente “sexualizado” e os discursos sobre a sexualidade entrelaçam todas as esferas de nossa vida cotidiana, promovendo transformações na sociedade que se refletem nos valores, nos comportamentos, na linguagem, no modo de vestir, nas músicas, nos filmes e nas formas de relacionamento, questões que serão aprofundadas nos itens a seguir.

1. Sexualidade: entre o determinismo biológico e a regulação social

Freud (2006), criador da psicanálise, introduziu uma nova forma de se entender a sexualidade, pois ele rompeu com a visão do determinismo biológico, favorecendo discussões em torno do determinismo psíquico, visualizando a sexualidade como consequência da história do indivíduo e das condições culturais em que ela se desenrola.

Em contrapartida, Reich (1998, p. 94), discípulo de Freud, retoma o determinismo biológico, dando destaque ao corpo cujo prazer poderia fluir intensamente. Conforme sua teoria, o orgasmo (potência orgástica):

[...] é a capacidade de abandonar-se, livre de quaisquer inibições, ao fluxo de energia biológica; a capacidade de descarregar completamente a excitação sexual reprimida, por meio de involuntárias e agradáveis convulsões no corpo.

Ademais, Nunes (2005), ao argumentar sobre a questão, enfatiza que o acréscimo das descobertas científicas, dos métodos anticoncepcionais acessíveis a todos, da indústria do sexo, da pornografia (que difere do erotismo) e da sensualidade expressa na

exposição da mídia e de outros meios de comunicação, têm transformado de forma ora positiva, ora negativa, algumas concepções mais tradicionais sobre sexualidade.

Essas mudanças, já visíveis na sociedade ocidental, também podem afetar as sociedades indígenas, pois tais influências podem interferir na autonomia cultural e na construção identitária, provocando um profundo desequilíbrio na vida social dos indígenas (RIBEIRO, 1987). Diante disso, os estudos realizados junto à comunidade Três Unidos, com a etnia Kambeba, nos possibilitou uma análise das relações sociais e culturais ameríndias com os não-índios, observando até que ponto a relação intercultural entre indígenas e não indígenas tem influenciado a perda de valores culturais Kambeba em relação à sexualidade, privilegiando o erotismo como um aspecto inerente ou não às relações sexuais e de acasalamento indígenas e como um reflexo correlato aos processos de globalização – que tem causado distorções intraculturais e interculturais irreversíveis para muitas comunidades tradicionais indígenas – hoje pertencentes a dois mundos: aquele que querem preservar e aquele que lhes foi imputado por diferentes formas de colonização.

Conforme a abordagem sobre sexualidade descrita na “Declaração dos Direitos Sexuais”, um documento político elaborado no 13º Congresso Mundial de Sexologia, realizado em 1997, na Espanha, e posteriormente revisada e aprovada pela Assembleia Geral da Associação Mundial de Sexologia (WAS-World Association for Sexology), em 26 de agosto de 1999, no 14º Congresso Mundial de Sexologia em Hong-Kong, estabeleceu-se o reforço e o reconhecimento dos direitos sexuais como direitos humanos universais baseados na liberdade, na dignidade e na igualdade de todos. Por meio deste documento, endossou-se que a sexualidade é uma parte integral da personalidade de todos os seres humanos e seu desenvolvimento total depende da satisfação de necessidades humanas básicas, quais sejam: desejo de contato, intimidade, expressão emocional, prazer, carinho e amor.

Falar sobre a sexualidade implica retomar os modelos sociais hegemônicos das sociedades ocidentais para então iniciar uma crítica, pessoal e social, dos mesmos e dos discursos vigentes, que de acordo com Nunes (2005), nos permite perceber a construção social da sexualidade, compreendendo as relações sexuais como resultados de intercontatos socioculturais, construídas em determinadas estruturas, modelos e valores que dizem respeito à determinados interesses de épocas diferentes.

Nesse contexto, a construção histórica da sexualidade brasileira baseia-se na presença de três complexas matrizes sexuais: o modelo sexual hegemônico, o modelo periférico indígena e o modelo periférico africano. O primeiro, sustentado na moral judaico-cristã, nos séculos XVI e XVII, foi fortemente marcado por um sistema moral contraditório que, por um lado, penalizava os atos ilícitos cometidos na relação conjugal, por outro, não punia os delitos extraconjugais, por não ameaçarem a ordem política e social vigente. Quanto ao segundo e ao terceiro modelos, ambos caracterizavam-se por possuírem uma multifacetada pluralidade cultural, favorecendo, sem possibilidade de controle, maior permissividade nas relações (STEARNS, 2010).

Em face dos conflitos culturais e sociais derivados dessa transmutação cultural, esclarecemos que seria incorreto tratarmos as condutas sexuais de índios e africanos de forma homogênea, pois apesar de coexistirem juntas no período da colonização,

ambas apresentam padrões sexuais completamente diversos e por vezes antagônicos. De tal sorte que, de comum, só podemos detectar dois pontos convergentes: a grande diversidade estrutural e menor rigidez repressiva, quando comparadas com sociedades dominadas por códigos e leis escritas (DEL PRIORE, 2011; CARMO, 2011).

Acompanhando essa lógica de argumentação, descreveremos os aspectos específicos da sexualidade indígena, vigentes no século XVI e XVII, até onde há registros, reconstituindo a história, para depois constatar as mudanças ocorridas por aculturação/assimilação (GALVÃO, 1979), ou ainda por efeitos de hibridização cultural e identitária enfatizada em situações de modernidade e pós-modernidade em que vivem diferentes povos e sociedades (HALL, 2011).

2. O erotismo e a sexualidade entre os indígenas

*Erótica é a alma
Adélia Prado.*

Para compreendermos a relação entre sexualidade e erotismo e os efeitos das relações interculturais no comportamento e na identidade sexual dos Kambeba da comunidade Três Unidos convém refletir sobre o que vem a ser o erotismo de acordo, principalmente, com Georges Bataille (1987) e Michel Foucault (2010), filósofos clássicos que discutem esse tema. É importante também identificar esse conceito para diferenciá-lo de outros que acabam por confundir-se com ele, como o de sensualidade e o de pornografia.

Saliente-se que a etimologia da palavra “erotismo” aponta para “Eros”, palavra de origem grega que significa “amor”. Outro conceito, do francês érostisme, significaria “desejo sexual” ou de modo geral, estado de excitação sexual. Lembrando ainda, que por muito tempo, a noção de erotismo esteve agregada ao próprio ato sexual e praticamente não existia fora desse contexto. No entanto, a essência do erotismo, na concepção do filósofo Georges Bataille (1987), é ser transgressão, por excelência, pois seria o resultado da atividade sexual humana enquanto prazer.

Ainda de acordo com Bataille (1987, p. 95), estabeleceu-se uma diferença entre o homem e o animal, ou seja, o ser humano, diferentemente dos animais, transformou a atividade sexual em uma “concentração de ações libidinosas⁵”, para além de uma finalidade estritamente procriativa. Evidenciou, portanto, outra interpretação para o erotismo – em que os prazeres e desejos produzidos pela imaginação são materializados no corpo. Isto reforça a conclusão de Bataille sobre a inconsciência de reprodução que habita a razão erótica “pois quanto mais o gozo erótico é pleno, menos se está preocupado com a geração de filhos”. Os indígenas demonstravam similaridades com essa interpretação de erotismo, pois motivados pela libido, faziam sexo por prazer.

Entretanto, a flexibilidade de Bataille (1987) ao conceituar erotismo, possibilita perspectivas múltiplas de entendimento do termo: a) semelhante ao amor romântico, pode preceder a atividade sexual humana, imprimindo-lhe um significado para além do

⁵ Os homens, diferente dos animais, fazem de sua atividade sexual uma atividade erótica, carregada de sentimento e desejo interior, permeado de tentação com perda de limites que vão além do simples ato de reproduzir por instinto.

corpo materializado, cuja essência e origem estão “na alma”, como diz a escritora, poetiza e professora Adélia Prado (1994); b) a relação erotismo-sexualidade pode ser uma experiência contrária ao romance, sem valor afetivo e substanciado no prazer; c) assim como a nudez, o erotismo também pode ser entendido como uma forma de comunicação, diferindo da pornografia que tem conotação de sexo obsceno, explícito e comercializável, pois, em contraposição ao caráter vulgar da pornografia, o erotismo manifesta-se como uma forma nobre de expressão subjetiva.

Seguindo os mesmos passos da sexualidade, o erotismo foi construído e definido de acordo com a cultura ou moral de cada época. Retocando essa ressalva, de acordo com Foucault (2010), a erótica na Grécia Clássica definia o modo de relação que um homem estabelecia com um rapaz e determinava o uso dos prazeres. A erótica, na definição antiga, referia-se ao estudo do amor entre homens adultos e livres, sendo um modo peculiar de lidar com seus desejos. Nesse período, as relações entre homens e mulheres existiam, mas assumiam configurações diferentes, por não serem, necessariamente, pautadas pelo desejo e sim por uma ética que passava pelo casamento, pela gestão da casa e pela procriação.

Fazendo um paralelo com a sexualidade indígena, essa relação homoerótica masculina pautada no desejo, acontecia e ainda acontece em algumas etnias, entretanto, motivadas por situações diferentes. Essas relações, chamadas poeticamente de “amor mentira”, são frequentes entre jovens indígenas que não encontram esposas em idade de acasalamento, podendo se estender a idade adulta (LEVI STRAUSS, 2008).

Para Foucault (2010), erotismo implica em relações de poder. As artimanhas criativas de expressão corporal, a situação socioeconômica dos parceiros e o próprio coito seriam formas de colocar a vontade, os sentimentos de desejo e de prazer, acima da função básica estabelecida, ou seja, a reprodução. Em razão da vontade e do ato de liberdade que isso envolve, o erótico pode ser entendido como toda a sensualidade que predomina na intimidade entre os sexos, os jogos de sedução que elegem partes do corpo, cuja finalidade é estimular desejos e aumentar a volúpia, revelando a função catalisadora do erotismo em desviar a relação sexual da sua finalidade reprodutora, transformando-a em uma fonte inesgotável de prazer.

Em tal perspectiva, os indígenas possuem sua forma peculiar de lidar com as coisas do amor, e em algumas etnias a atmosfera erótica está impregnada à vida cotidiana. A relação sexual ocorre espontaneamente e o erotismo flui naturalmente na intensidade dos que vivem, como acontece com qualquer ser humano, experimentando expressões e formas de amar em sua totalidade.

Aprofundando a concepção do erótico entre os indígenas, Raminelli (2001) afirma que a sexualidade fazia parte da vida natural dos autóctones indígenas, desde os séculos XVI e XVII, no período da colonização. O erotismo, como forma de desejo e estímulo para o ato sexual, era considerado natural, assegurando o domínio do corpo e a liberdade sexual sem a carga da culpa. No relato de Levi Strauss (2008, p.270), em contato com os Nambiquaras, percebe-se que o temperamento indígena influencia no erotismo, ao afirmar que: “No decurso dos jogos amorosos a que os casais se entregam de tão boa vontade e de forma tão pública, que são, por vezes, audaciosos, nunca notei um indício de ereção”. O prazer entre os casais tem mais relação com as brincadeiras e os

sentimentos do que com o corpo. No entendimento de Levi Strauss (op.cit.) “povos que vivem completamente nus não ignoram o que nós chamamos pudor: apenas alargam os seus limites”. Importa destacar que para os índios, a nudez era considerada natural e estava associada à ideia de pureza e formosura, não tendo para eles, conotação erótica ou sensual.

Em relação aos Kambeba, estes não andavam nus. Viviam vestidos com túnicas coloridas de algodão confeccionadas por eles próprios e a nudez, pelo menos no início da colonização, parece não ter sido um foco de estranhamento, quando associada às possíveis provocações de erotismo (PORRO, 1992). Entretanto, a maioria das demais etnias sim, conforme relata, com certo prazer, Pero Vaz de Caminha nas cartas de viagens e descoberta (VESPÚCIO, 1984), evidenciando que a nudez representou o primeiro choque étnico em relação ao sexo e, conseqüentemente, à construção da sexualidade por parte dos indígenas e europeus. As primeiras impressões fisiológicas dos viajantes sobre as cabeleiras cerradinhas das índias, destacando a forma como elas lidavam com suas partes pudicas, causou forte resistência ao universo da moral europeia, cuja nudez dos índios foi considerada uma heresia, pois segundo afirma Barreto (2007), as “vergonhas” sugerem sexo e o temor da sexualidade condiciona o sentimento de pudor, prescrito pela moral cristã, que se ergue contra a nudez inscrita no quadro mais vasto da luta contra o paganismo e a sexualidade. “Estar nu é estar vulnerável ao pecado” (BARRETO, 2007, p.73).

Em consequência dessa visão unilateral e desrespeitosa dos colonizadores, a palavra de ordem era “cobrir-se⁶” para inibir os sentimentos e sensações que estavam velados e encobertos por falsa moralidade, acrescida do poder em reduzir os ameríndios a uma condição inferior de existência. Desta forma, combatia-se o que se entendia por desejo sexual e por erotismo desenfreado no obscuro objeto do desejo, que tinha na mulher índia o seu principal representante no período da colonização (BARRETO, 2007).

Subjugados e incompreendidos, os índios, por meio de uma aculturação de choque, não podiam mais andar nus. Ademais, conforme nos afirma Barreto (2007), o problema não era a nudez, mas estar vestido era uma maneira de proteger o corpo contra os olhares e desejos do outro, porém, esse é um dos exemplos do peso progressivo do (des)encontro de culturas, que infligiu mudanças de comportamento na relação entre os sexos, modelando gradualmente a vida íntima das sociedades indígenas.

Em síntese, não pretendemos abordar detalhadamente os processos de todo intercuro sexual que deu origem à miscigenação do povo brasileiro. Mas essa primeira parte nos dá um resumo primário do que representa o choque cultural entre povos com diferentes concepções de vida e com itinerários históricos distanciados e ignorados pelas subjetividades em conflito – identidades condicionadas por fatos e culturas imperceptíveis aos olhos do sujeito opressor e do sujeito oprimido.

Como atributos do ser socialmente construído e como reflexo de fenômenos interculturais proporcionados por deslocamentos culturais, as identidades resultantes, híbridas ou misturadas, acabam por expor um sujeito ativo em sua sexualidade, sendo este portador de intrigantes formas de conceber, sentir e manifestar as culturas às quais está imbricado (HALL, 2011).

⁶ Grifo nosso, para destacar que era imposto o vestir dos indígenas.

Vale ressaltar que os efeitos globalizantes em relação às trajetórias e aos conflitos de gênero vivenciados pelos sujeitos em diferentes épocas, traz para o campo da abordagem sobre sexualidade, uma preocupação mais apurada sobre os processos que denotam as contradições sentidas e vividas por diferentes povos na construção de uma identidade, em específico. De acordo com Hall (2011), esse aparente sujeito unificado, isto é, portador de uma “unidade cultural inabalável”⁷ apresenta-se hoje, na pós-modernidade, como um sujeito portador de várias identidades, e não apenas de uma.

3 Percepções de sexualidade Kambeba

As percepções da sexualidade aqui descritas foram obtidas por entrevistas semiabertas com as mulheres da comunidade e pela observação durante os períodos de convivência na comunidade Três Unidos. De início, observamos que os assuntos que envolvem sexo despertam nos Kambeba o interesse e a curiosidade, são ávidos em conversar e os comentários são acompanhados de risos e brincadeiras, sem nenhuma restrição à presença das crianças.

De acordo com dados e registros coletados na pesquisa documental, a sexualidade indígena em varias etnias, está envolta por mitos e ritos sexuais, então focamos primeiramente nesse ponto, até percebermos que, no que concerne à sexualidade, os Kambeba que vivem no Baixo Rio Negro, mantém relativamente, a *iniciação* ou *reclusão puberal* que é a passagem para a puberdade, marcada por um complexo de cerimônias e ritos, que iniciam os jovens numa nova etapa da vida social.

Importante esclarecer que esse rito não apresenta traços de violência, sendo um período de purificação, assimilação e instrução que orienta tanto meninos quanto meninas a constituir seu núcleo familiar. Em outras palavras, podemos entender a *reclusão puberal*⁸ como um meio pedagógico-social para realizar a inserção dos adolescentes nas atribuições de homens e mulheres da etnia Kambeba.

Nas relações dos casados, não há nenhuma espécie de tabu sexual a exemplo da Couvade, praticado pelas etnias do Alto Rio Negro, no qual o pai ou pais da criança que nasce, fica em reclusão seguindo os tabus alimentares e abstinência sexual no lugar da mãe. Tampouco, o marido é obrigado a abster-se sexualmente da parceira durante a gravidez e no período de amamentação, que pode durar até três anos, como ocorre com os Yanomami. Mais ainda, os Kambeba da comunidade Três Unidos, por princípio religioso, não permitem o incesto, o aborto, o homossexualismo.

Vale aqui recordar, que práticas como o infanticídio e a poligamia, ocorriam naturalmente no passado, na etnia Omágua/kambeba, não sendo mais aceita nos dias atuais. De acordo com os informantes, casos de adultério, deveres de hospitalidade e liberdade sexual para jovens fora do casamento, um aspecto natural da sexualidade indígena, também não ocorre entre os kambeba da comunidade Três Unidos.

⁷ Grifo nosso.

⁸ O rito de iniciação para as meninas pode durar de um mês a um ano, para os meninos o período é mais curto. (PORRO, 1992)

A escolha do parceiro no acasalamento continua sendo livre, bastando que se manifeste o desejo e que seja comunicado ao Tuxaua e aos seus parentes. Predomina a monogamia, as relações jacosas⁹ e o casamento pode ser tanto endogâmico¹⁰ quanto exogâmico¹¹. Não há uma idade específica para casar, apenas no caso das mulheres, devem estar prontas para a procriação, devendo já menstruar, e o menino, um pouco mais tarde, quando já souber caçar e pescar.

A prática do sexo entre os casais, conforme relato de informantes, já admite certos preâmbulos comumente praticados na cultura ocidental, e as carícias e beijos em regiões erógenas tanto do homem quanto da mulher indígena, antecedendo a cópula, são aceitas e compartilhadas com entusiasmo por ambos. Porém, os Kambeba, assim como os Yanomami, são reservados e evitam cenas calorosas em público.

Admite-se até variações de posições no coito permitindo que a mulher conduza o ritmo da relação, segundo declaração de uma das mulheres da comunidade. Há rejeição quanto ao uso de preservativos para evitar doenças ou gravidez indesejada por parte dos homens da comunidade, que, de pronto, responderam que não gostam de usar, preferindo, em língua geral, “sukeda-sukeda” que quer dizer carne na carne. Afirmaram que utilizam outros métodos para evitar a gravidez e as doenças sexuais. Fato confirmado pela líder da associação de mulheres quando nos relatou que todos fazem uso de plantas, raízes e cascas de árvores para evitar filhos e esses métodos tradicionais são do conhecimento de todas as mulheres da comunidade.

Quanto ao namoro entre os adolescentes, ocorre com troca de carícias que permeia o contato real com o outro, caracterizando certo romantismo. Nossos informantes afirmaram que não há diferença em relação aos brancos, podendo ocorrer abraços afetuosos e até beijos na boca, geralmente dados nos encontros às escondidas, previamente marcados nas matas, riachos e roçados. A carga hormonal nessa fase se encontra em forte ebulição, incentivando tais encontros em que há sempre um aliado que serve de cúmplice que fica na vigia para o casal não ser pego em flagrante. No passado, o cortejo amoroso indígena, nos moldes tradicionais, não consistia em carinhos e beijos ou abraços sensuais. Costumavam presentear os pais da moça cortejada com as partes mais saborosas da caça e da pesca. As mulheres Kambeba são donas do seu próprio corpo, determinando a quantidade de filhos que querem ter e, geralmente, não passam de três.

Em relação ao ciúme, sentimento de posse comum na cultura ocidental, segundo relato das mulheres da comunidade, existe, sendo observado que é o homem que manifesta esse sentimento em relação à mulher. Na cultura tradicional indígena do período da colonização, não existia o ciúme e dentro de suas regras sexuais, havia igualdade de direitos nas relações homem e mulher. A esse respeito, me arrisco propor uma hipótese, que os indígenas talvez estejam incorporando o machismo ocidental.

Diante do exposto, todas estas influências manifestadas na sexualidade kambeba, certamente se faz presente em outras etnias que mantêm um contato prolongado com a cultura ocidental, reafirmando que a sexualidade é um construto cultural, porém, vale

⁹ União entre primos cruzados de sexo oposto.

¹⁰ União com membros da própria etnia.

¹¹ União com membros de outra etnia e até mesmo com não índios.

destacar que nesta comunidade o conceito de moral baseado no respeito e na amizade pelo outro, tem se manifestado de forma sólida sem a agressão espiritual imposta por certas religiões.

Considerações finais

Em face do que já foi colocado, podemos entrever que a cultura tradicional das sociedades indígenas vem se mesclando desde os tempos da colonização por ser, como todas as outras, dinâmica. Com a perda de hábitos e costumes, marcado pela expressiva opressão que o branco impôs e pela forte inclusão de normas e regras oriundas da cultura ocidental, pode se dizer que não existem indígenas contemporâneos, em estado puro e sem mudanças. Confirmando tal inferência, foi possível percebermos a partir dos dados oriundos da nossa pesquisa de campo, que os conhecimentos tradicionais da etnia Kambeba, no que concerne à sexualidade, perderam uma parte significativa de seu sentido mitológico, transmitido oralmente, pelos mais antigos. Essa constatação parece não incomodar muito os Kambeba da comunidade Três Unidos, percebendo-se uma aceitação passiva dos moldes sexuais ocidentais.

De fato, quanto à questão específica da sexualidade, são perceptíveis os sinais da influência ocidental, apagando as representações míticas que sempre permearam a vida indígena. Entretanto, há um diferencial marcante na sexualidade dos indígenas que ainda persiste no seio da comunidade Kambeba do baixo Rio Negro, pois eles sempre foram muito felizes com sua sexualidade e a vivem plenamente, sem culpas ou preconceitos, diferente dos não-índios, que carregam os traços negativos de uma cultura repressora e punitiva.

Por essa razão, eles têm muito a nos ensinar sobre preconceito, solidariedade e generosidade e, apesar da imposição da cultura dominante e do contato com os brancos ter gerado novas necessidades, fundamentais para sobrevivência de certas etnias que decidiram compartilhar à posse de bens encontrados e comercializados na sociedade envolvente; os Kambeba ainda apresentam características peculiares de resistência contra a dominação e às imposições, que possam afetar negativamente o seu modo de vida, conseguindo articular tradição e inovação sem perder sua identidade indígena.

Atualmente, já não é mais aceitável ser indiferente aos problemas vividos pelos índios, ou discriminá-los como selvagens, indolentes, ou preguiçosos por mero descaso e falta de interesse, pois os estudos antropológicos vêm revelando a importância que os conhecimentos tradicionais desses povos, representam para sobrevivência do planeta. Já é tempo de tornar-nos aliado das questões indígenas, por sermos etnicamente integrados, oriundos, efetivamente, do cruzamento de multidões de mulheres indígenas com uns poucos brancos, destacando o Brasil como uma nação multilíngue e multiétnica.

Por esse motivo, o estudo acerca desses povos e de sua resistência ao uso da força para reprimir seus costumes, é um veio rico para debates sobre a liberdade e sobre aceitação do modo de vida nativo, incluindo suas concepções e seu comportamento sexual, que representa um aprendizado social, buscando uma nova postura frente às questões indígenas.

É seguindo essa lógica de argumentação que atribuímos deferência à questão da sexualidade e a sua relação com a vida das pessoas, evidenciando que ela está sempre permeando entre o impulso biológico e a regulação social. A partir dessas duas perspectivas, mudam-se as concepções sobre sexualidade, em decorrência do aparecimento de novas teorias e diferentes estudos culturais sobre as manifestações de sentimentos, de comportamentos e de subjetividades inerentes ao processo natural e social de se viver em sociedade.

Assim, é a vida do grupo kambeba do baixo Rio Negro, um povo gentil e acolhedor, crítico e decidido, consciente de sua luta na defesa e preservação de sua cultura, que por ser dinâmica, incorporam e influenciam costumes enquanto se adapta para sobreviver, afinal os indígenas fazem parte do mundo atual. Da mesma forma, a sexualidade vem sendo moldada, contudo, sem a sobrecarga de uma consciência culpada, pois, para eles, o prazer do amor é um dos principais bens da vida e esse saber é compartilhado pela observação e pela experiência na comunidade. Com base nessa premissa, acreditamos ser possível realizar uma pesquisa de relevância social que ofereça um importante aporte para refletirmos sobre as questões emergentes da sexualidade.

Referências

- BARRETO, G. **Na encruzilhada do pecado**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas-EDUA, 2007.
- BATAILLE, G. **O erotismo**. Trad. Antônio Carlos Viana. São Paulo: L&PM, 1987.
- CARMO, P. S. **Entre a luxúria e o pudor: a história do sexo no Brasil**. São Paulo: Edit. Octávio Ltda., 2011.
- DEL PRIORE, M. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de M^a. Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 20^a reimpressão. São Paulo: Edições Graal, 2010.
- FREUD, S. **Obras psicológicas completas: Três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos**. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago editora, 2006.
- GALVÃO, E. **Encontro de sociedades: índios e brancos no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- HALL, S. **Da Diáspora: identidades e mediações**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Tristes Trópicos**. Tradução Gabinete Literário. Lisboa-Portugal: Edições 70, 2008.
- NUNES, C.A. **Desvendando a sexualidade**. 7. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2005.
- PORRO, A. **O Povo das águas: ensaios de etno-história amazônica**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- PRADO, A. **Antologia da poesia brasileira**. Embaixada do Brasil em Pequim, 1994.

RIBEIRO, D. **Os Índios e a Civilização**: a integração das populações indígenas no Brasil Moderno. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1982.

RAMINELLI, E. T. In: DEL PRIORI, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 5 ed., São Paulo: Contexto, 2001.

REICH, W. **A função do orgasmo**. São Paulo: Circulo do Livro, 1998.

STEARNS, P. **História da sexualidade**. Tradução de Renato Marques. São Paulo: Contexto, 2010.

VESPÚCIO, A. “**Carta de 18 de julho de 1500**”. In: **A invasão do paraíso**. Américo Vespúcio. Novo Mundo. Cartas de viagens e descoberta. Porto Alegre: L&PM Editores, 1984.